

## Apresentação

Daniela Finco<sup>1</sup>  
Adriana Alves Silva<sup>2</sup>  
Ana Lúcia Goulart de Faria<sup>3</sup>

**E**ste Dossiê **Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas**, pretende suscitar discussões sobre infâncias e as relações de gênero e parte do pressuposto que o espaço da educação infantil é um lugar de afirmação das diferenças e também de eliminação das desigualdades e todas das formas de violência. Se, durante muito tempo, a questão do respeito à diversidade ficou fora dos debates sobre educação, ela é hoje um dos temas centrais das preocupações contemporâneas em diversos países, inclusive no Brasil que recentemente vem correndo sérios riscos de retrocessos no campo dos direitos.

A publicação deste dossiê vem reafirmar o compromisso com os desafios atuais frente ao contexto político e social brasileiro, que vem sofrendo diversos ataques e retrocessos, sobretudo no que toca o debate sobre as desigualdades sociais de gênero, com medidas impeditivas que limitam e cerceiam os princípios da democracia e dos direitos humanos. Isso nos reforça a necessidade de uma discussão feminista, nos deixando em estado de alerta! Alerta sobretudo a um cenário político pós golpe de 2016 – do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, a primeira mulher a ser eleita democraticamente no Brasil. Alerta para o contexto político e social que está cada vez mais repleto de violações aos Direitos Humanos, do crescente genocídio da juventude negra nas periferias, dos constantes ataques à população LGBTQTT e do feminicídio com índices alarmantes e presentes em diversas classes sociais. E que, tragicamente culminou no assassinato brutal da vereadora Marielle Franco do Rio de Janeiro, junto com seu motorista Anderson Gomes. Marielle Franco, socióloga, feminista, lésbica, mulher negra de favela, era e é uma voz na luta pelos direitos humanos, foi brutalmente silenciada, mas as suas bandeiras de luta, também são as nossas. Marielle Franco, PRESENTE!!!!

A organização deste Dossiê é resultado da trajetória de pesquisas acadêmicas, militância e lutas travadas nos diferentes espaços que ocupamos. Foi inspirado principalmente nas discussões realizadas no Simpósio temático na área de Educação Infantil e gênero, organizado por nós no contexto do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11: Transformações, Conexões, Deslocamentos* e o *13º Congresso Mundos de Mulheres*, realizado entre 30 de julho e 4 de agosto de 2017 em Florianópolis, SC, Brasil, área essa ainda bastante inicial embora crescendo com crítica e assim alargando fronteiras. Esta coletânea destaca a educação das crianças pequenininhas entendendo como fundante as relações de gênero estabelecidas nas creches para a

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora no Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: dfinco@unifesp.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora colaboradora no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - FAED/UDESC. E-mail: silvadia07@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: cripeq@unicamp.br

construção de pedagogias descolonizadoras que superem as desigualdades afirmando as diferenças de classe, gênero, idade, etnicorraciais e todas as outras.

Este dossiê representa a continuidade de um projeto de articulação de tais questões, e da necessidade de demarcar sua importância no contexto da formação docente para Educação Infantil, dando continuidade para as questões apresentadas anteriormente **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora (2015)**<sup>4</sup> que apresentou algo bastante original dentre as publicações na área da Educação Infantil: trata-se de uma discussão sobre creche e feminismo. O direito das crianças pequenas à educação em creches e pré-escolas, no Brasil, transborda as fronteiras do campo da educação há muito tempo, tornando-o peculiar em relação à escola obrigatória.

A proposta pretende colaborar de maneira inédita na formação de professoras e professores das crianças pequenas trazendo as teorias das relações de gênero ainda bastante ausente nos cursos de Pedagogia. Traz o desafio de construir um olhar feminista para os direitos das crianças, trazendo, sobretudo, a creche e a pré-escola como locus histórico de luta feminista, visando outras práticas pedagógicas, conscientizando professoras/professores, envolvendo as famílias, buscando transformar a realidade educativa das crianças pequenas, bem como fomentando pesquisas e novas teorias, em busca de práxis emancipatória e descolonizadora.

Desse modo, este Dossiê apresenta artigos que articulam as questões de gênero, teorias feministas e a educação de bebês e crianças pequenas na esfera pública, enfatizando diversas questões atuais e polêmicas, buscando destacar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social, demarcando o impacto na educação das crianças pequenas e o roubo dos direitos conquistados. A creche como espaço educativo de origem na luta feminista e a pré-escola não antecipadora da escolarização fundamental, somente a partir da LDB/1996 constituem-se no Brasil como primeira etapa da educação básica e nestes 20 anos vêm se consolidando no campo educacional articulando pesquisa, políticas e práticas culturais e pedagógicas. A partir da perspectiva feminista, e com as lentes de gênero como importante ferramenta de análise da realidade, este dossiê busca dar visibilidade para pesquisas que favoreçam a descolonização de todas as relações de poder nas creches e pré-escolas.

O Dossiê vem relembrar que a docência que vem sendo inventada na educação infantil é marcada por uma positividade da sua feminização histórica, como revelou a pesquisa de Ana Beatriz Cerisara, há 20 anos, nas complexas tramas da maternagem e dos preconceitos nas relações de educação e cuidado, presentes na divisão sexual do trabalho com contradições e possibilidades.

Bea, como a chamávamos, além de pioneira ao destacar a positividade do feminino no trabalho docente na creche, mesmo ao afastar-se do contexto acadêmico, sempre com suas gargalhadas e alegria contagiante nos instigava à rebeldia, à desobediência civil hoje tão necessária neste momento político de trágicos retrocessos na educação infantil. Este dossiê estava sendo elaborado exatamente quando Bea nos

---

<sup>4</sup> O livro "Creche e Feminismo- desafios atuais para uma educação emancipadora" organizado por Daniela Finco, Marcia Gobbi e Ana Lúcia Goulart de Faria (Editora Leitura Crítica, Fundação Carlos CHagas- FCC e Associação de Leitura do Brasil - ALB, 2015), disponível para download gratuito na biblioteca da Fundação Carlos Chagas em São Paulo é produto dos trabalhos e pesquisas apresentados no Simpósio Temático "Creche e feminismo" realizado na UFSC no encontro do Fazendo Gênero de 2014.

surpreendeu com mais uma das suas transgressoras lições de vida ao decidir e tornar público que “estava pronta para morrer”<sup>5</sup>; e busca continuar sua irreverência e resistência. Nesta perspectiva, propõe provocar olhares críticos e fomentar debates que problematizem como as sociedades ocidentais fixaram as características do masculino e feminino com base nos aspectos biológicos, instituindo a heteronormatividade, prevendo desde a infância comportamentos, atividades e funções que são naturalizadas para as mulheres, homens, meninas e meninos. Bea Cerisara, PRESENTE!!!!

O tempo que vivemos hoje nos apresenta grandes desafios, como o de revelar os espaços educativos de creches e pré-escolas como lugares de emancipação quanto às diferentes formas de discriminação, como a construção de pedagogias descolonizadoras. O dossiê tem como ponto de partida nossa realidade atual, marcada pela emergência da violência de gênero em diferentes contextos da sociedade, no espaço da educação infantil, creches e pré-escolas.

Apresenta resultado de pesquisas e experiências práticas que articulam a revisão de conceitos neste campo que foram construídos historicamente, mas que foram perversamente cristalizados e invisibilizados, e que precisam ser repensados e revisitados: indissociabilidade da educação e do cuidado, os processos de formação de identidade docente considerando a identidade de gênero na formação de professores, práticas de ativismo político. É um convite que desafia olhar para um percurso para problematizar os valores, as seguranças, as expectativas precedentes no cotidiano, acreditar descobrir outras possibilidades da realidade, trazendo a tona novos valores culturais que são desvalorizados e marginalizados.

Entre duas posições pedagógicas, se coloca para além da emancipação e da diferença, que se encontram no campo dialético, acreditando que tem possibilidades de mediação para se pensar em uma educação para a emancipação humana, para além das armadilhas do binarismo de gênero. Neste sentido também busca confrontar as relações de poder e diferenças do feminino e o masculino, em uma sociedade eminentemente sexualizada, marcada pela violência e pelo pavor das diferenças de gênero.

Os artigos e relato de experiência aqui apresentados, nos ajudam a pensar práticas para problematizar as diferentes formas de opressão e violências de gênero no campo da educação infantil e na sociedade, tanto na prática educativa com as crianças quanto nos processos de formação docente inicial e continuada. Aponta as permanências e as transformações sociais, com as contradições e as possibilidades de representação do feminino, que exige pensar na potencialidade do feminismo/feminino. Assim, com a proposta de trazer a tona a questão do Feminismo em estado de alerta, para nossa formação docente, para nossas propostas educativas e para nossa vida, apostamos na construção de uma Pedagogia das diferenças, que constitui a afirmação do feminino, também para os homens, sendo capaz de eleger de forma inédita muitos problemas da educação e da sua identidade pedagógica, questionando os modelos e colocando-as em crise.

---

<sup>5</sup>A história da professora que aos 60 anos tomou a extraordinária decisão de não se submeter a nenhum tipo de tratamento para enfrentar um câncer terminal. Por Adriana Dias Lopes e Egberto Nogueira (fotos) Publicado em 15 dez 2017, 06h00. <https://veja.abril.com.br/revista-veja/estou-pronta-para-morrer/> e <https://www.facebook.com/Veja/videos/10155648927620617/> Acesso em 05/04/2018.

Articulando questões sobre políticas educacionais e de gênero, o artigo **Gênero como uma dimensão de qualidade: uma análise dos Indicadores de Qualidade na Educação Infantil Paulista**, de Claudia Vianna e Carolina Alvarenga, traz uma importante contribuição para o Dossiê, com uma temática original e pertinente, analisa as políticas educacionais recentes de gênero na educação infantil, analisando o processo de construção do documento *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista*. Apontando retrocessos e avanços, o artigo revela o jogo de disputas, de poder, das tensões, concessões e desafios que configurou tal política e destaca gênero como uma dimensão de qualidade. O artigo **Gênero, sexo e sexualidade na educação infantil: o que dizem os documentos da rede municipal de ensino de Florianópolis** de Karine Zimmer da Silva e Márcia Buss-Simão, também traz uma contribuição importante para o Dossiê, com uma temática urgente que problematiza os conceitos de gênero, sexo e sexualidade presentes e sobretudo ausentes em alguns documentos curriculares nacionais e municipais fundamentais na/da Educação Infantil. Assinalando a crise conservadora que a Educação infantil vem se submetendo hoje no país. Considerando o contexto político de retrocessos e avanços conservadores nas discussões curriculares, o artigo evidencia um ‘estado de alerta’ sobre a emergência desse debate, no campo da Educação Infantil, políticas públicas e estudos de gênero.

Articulando questões das políticas públicas, direitos e feminismo, o artigo **“Pelo direito de ser mãe e estudante”**: **Educação Infantil na pauta estudantil universitária**, de Ligia Aquino, traz uma importante e instigante contribuição para o Dossiê, trazendo reflexões sobre a luta por creche no contexto universitário, problematizando o processo complexo de conquista de direitos e exclusão que permeia a constituição da Educação Infantil no Brasil. Apresenta de forma original o debate em torno dos direitos da mãe estudante, como uma pauta recente do movimento feminista estudantil universitário. As questões apresentadas neste estudo exploratório evidenciam a tensão que envolve o direito das mulheres que são mães estudantes e o direito das crianças à educação infantil neste contexto da Educação Infantil Universitária. Ainda tratando da importante temática das creches universitárias, o artigo **A constituição das creches nas universidades públicas estaduais paulistas: as relações de gênero e os direitos da mulher e da criança pequena - a busca por novas práticas** de Sueli Helena de Camargo Palmen e Vivian Esteves Colella, aborda a questão da constituição das creches nas universidades públicas estaduais paulistas: as relações de gênero e os direitos da mulher e da criança pequena - a busca por novas práticas pedagógicas descolonizadoras e anti-sexistas. Produto de pesquisas em creches universitárias apresenta grandes questões em torno de creche e feminismo, gênero e direitos.

A questão dos diferentes arranjos familiares e diversidade de gênero, também está presente no dossiê com artigo **O que crianças pensam sobre famílias e relações de gênero?** de Fernanda Müller e Ana Paula Gomes Gibim, que apresenta outra importante temática relacionada às questões de gênero, trata da questão da diversidade das dinâmicas familiares e explora as representações de crianças sobre suas famílias em suas relações cotidianas. Resultado de uma pesquisa com crianças na Educação Infantil, discute as transformações na unidade doméstica decorrentes, principalmente de um reposicionamento feminino decorrente do esgotamento do modelo tradicional conjugal. O artigo alerta nosso olhar para a

questão do compartilhamento da educação e cuidado das crianças pequenas com as famílias e revela a importância da redefinição dos papéis parentais na construção de contextos sociais livres de preconceitos.

A formação docente, base fundamental para tratar de tais questões, não poderia estar de fora deste Dossiê, assim o artigo **Docência na Educação Infantil: origens de uma constituição profissional feminina** de Eloísa Candal Rocha e Rosa Batista, apresenta reflexões sobre a temática da formação de professoras na educação infantil e a constituição histórica dessa docência em processo de construção, marcada pelas marcas da divisão sexual do trabalho e suas complexas relações de poder, em especial da feminização nas práticas do cuidado.

O artigo **Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da Educação Infantil**, de Raquel Gonçalves Salgado e Paula Fernanda Martins, trata-se dos resultados de uma pesquisa com foco na produção discursiva das professoras de Educação Infantil em relação a complexa trama e drama que envolvem as categorias de corpo, gênero e sexualidade na infância. Traz também subsídios das políticas públicas que problematizam diferentes formas de opressão atreladas ao gênero. Ainda relacionando gênero, corpo, sexualidade e direitos das crianças pequenas, o artigo **A dimensão espacial na produção das culturas infantis: análise interações entre meninas e meninos nos banheiros da educação infantil**, de Tássio José da Silva e Wellington Teixeira Lisboa, aborda os resultados de uma pesquisa que traz a tona a questão de gênero na dimensão espacial e nas interações entre meninas e meninos da Educação Infantil, destacando a temática da divisão dos banheiros por sexo. Trata-se de uma temática relevante, polêmica e atual, que contribui para pensar as questões sobre gênero e sexualidade na infância, apresentando perspectivas teóricas analíticas relevantes para Educação Infantil.

Dando ênfase para a questão étnico-racial, o artigo **Deslocando as relações de gênero: infâncias e candomblé, contribuições para a educação com crianças pequenas**, de Ellen Gonzaga Lima Souza e Patrício Carneiro Araújo, apresenta os resultados de uma tese de doutorado defendida recentemente, que problematiza o binarismo de gênero no candomblé. Representa uma contribuição singular para o dossiê, nos provocando a pensar a construção de uma perspectiva descolonizadora e transgressora. Outro artigo dentro desta perspectiva é o **Feminismo, Culturas Infantis, Gênero e Raça: uma reflexão sobre ser menina negra** de Raíssa Francisco dos Santos e Edna Rodrigues Araújo Rossetto, que aborda a questão do protagonismo de meninas negras, analisando as relações sociais racistas e sexistas na pré-escola, legitimadas pelo sistema capitalista. Problematisa as formas de poder relacionadas com as categorias como idade, classe, raça, gênero e identidade. Para completar esta discussão com a interseção de etnia, raça e gênero e o protagonismo das crianças pequenas, o artigo **“Jefferson falou que o meu cabelo é feio, é ruim”:** cabelo crespo e empoderamento de meninas negras na creche, de Rosa Sílvia Lopes Chaves e Valdete Tristão, também destaca as questões étnico-raciais e traz outra importante contribuição para o Dossiê, com uma temática emergente, aborda as relações de gênero na interseccionalidade com as questões étnico-raciais em torno da identidade da menina negra no contexto da creche. Situando a pesquisa na trajetória de construção de identidades das autoras pesquisadoras negras,

com intensa e extensa experiência em instituições de Educação Infantil. Traz uma interessante abordagem teórica conceitual e articula com dados empíricos de pesquisa de campo, em uma instituição da rede municipal de São Paulo, com contribuições muito relevantes para pensarmos nos desafios em busca de uma pedagogia da infância emancipadora, não sexista e não racista.

O artigo **Mães e crianças sem creche em Manaus: aceitação da negação do direito ou resistência ao processo de colonização?** de Elina Macedo e Vanderlete da Silva, aborda a questão do direito a creche de mães e crianças de Manaus, destacando a valorização da cultura indígena, problematizando a questão da educação ocidentalizada, colonizada, branca e urbana. Este artigo traz a originalidade de problematizar a creche no ambiente da floresta, num estado brasileiro com inúmeras etnias, aprofunda e avança a discussão na construção de uma pedagogia descolonizadora que valorize as diferenças e respeite as diversidades em busca de uma educação emancipadora desde o nascimento.

Para tratar do desafio da dimensão não-sexista da linguagem, na forma como apresentamos o mundo para as crianças nas creches e na pré-escolas, o artigo **Estereótipos de gênero e sexismo linguístico presentes nos livros no contexto educativo para crianças**, de Daniela Finco e Gabriella Seveso, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em parceria Brasil-Itália, trazendo reflexões sobre os estereótipos de gênero e sexismo linguístico em livros nos contextos educativos para as crianças, com especial destaque a literatura infantil. O conteúdo do artigo, apresenta dados de pesquisa com referências de pesquisa realizadas nos anos 80/90 e suas repercussões contextuais de conquista de direitos e construção de políticas públicas educacionais na Itália. Além disso resgata importantes obras destinadas para as crianças, que trazem a especificidade do feminino, como nas heroínas *lindigreniani*, com a personagem clássica e pioneira Pippi Meia Longa, com um modelo que permitiu fornecer para as crianças armas para defenderem-se da arrogância e incompreensão dos adultos.

Provocando a pensar estratégias de resistência contra a violências de gênero, o artigo **NIUNAMENOS: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência**, de Adriana Alves da Silva, traz uma importante contribuição para o Dossiê, trazendo a tona a temática do feminicídio e apontando para a complexa trama de vivências que inclui ações educativas realizadas no contexto da Educação Infantil, incluindo bebês, crianças pequenas, docentes, famílias e pesquisadoras/es. Apresenta criações narrativas para abordar a temática do Feminismo no espaço das práticas educativas e da formação docente na creche. Original e provocador, traz referenciais teóricos sobre gênero e feminismo e contribuições relevantes para pensar possibilidades de empoderamento feminino, princípio político para a construção de uma pedagogia descolonizadora emancipadora.

E finalmente, para encerrar de forma brilhante e otimista este dossiê, apresenta propostas desafiadoras registradas no relato de experiência **Vinte e cinco de novembro na creche: um projeto de sensibilização contra a violência de gênero física e simbólica contra as mulheres e as crianças**, das professoras italianas Elisabetta Martinelli e Maurizia Querciagrossa, respectivamente das creches San Donato e a creche Viganò no município de Bolonha - Itália, que por ocasião do 25 de Novembro, Dia Internacional Contra a Violência Contra as Mulheres, promovem há anos eventos de sensibilização. As

imagens, sempre presentes, dos "sapatos vermelhos e suas pegadas" marcam o símbolo da iniciativa como representação e homenagem a mulheres e seus/suas filhos/as que foram vítimas da violência de gênero. O relato convida para uma discussão sobre o papel social e educativo da creche na luta contra a violência de gênero e feminicídio. Uma mensagem da creche para dizer a todas as mulheres não se sentirem sozinhas, revelando um precioso projeto que envolve professoras/res, meninas e meninos pequenos e suas famílias, oferecendo a oportunidades para refletir sobre estas questões para além do binarismo de gênero.

Fica aqui um convite a leitura deste dossiê, que é também um convite à desobediência civil, resistência e a luta! Bea presente!

*Daniela Finco*

*Adriana Alves da Silva*

*Ana Lúcia Goulart de Faria*

(as organizadoras)

E por falar em luta...interlocuções possíveis e necessárias!!!

por Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha Teles)<sup>6</sup>

Convidada para fazer este prefácio, aceitei com muita alegria. Apresentar ainda que, rapidamente, o Dossiê com foco na creche e feminismo, realizado a partir dos trabalhos apresentados no último “Fazendo Gênero”, me emociona muito por ver a creche e a educação infantil serem tratadas com dignidade e carinho nos estudos e pesquisas.

Que maravilha ver nesse Dossiê uma produção acadêmica, viva, instigante, atualizada e inserida no nosso contexto histórico social, sem escamotear as profundas contradições da sociedade constituída historicamente pelo racismo, sexismo e patriarcado. Os trabalhos enfatizam que tais questões devem ser tratadas também e, principalmente, com crianças pequenas e até bebês. Racismo e sexismo são elementos estruturantes do estado brasileiro que se alimentam e se reproduzem nas práticas sociais, econômicas, culturais, institucionais inclusive nas atividades educacionais, o que afeta na estrutura de cada uma das pessoas em geral, em qualquer faixa etária. É revigorante saber que pesquisadores e pesquisadoras, educadoras e educadores se debruçam em seus estudos e práticas a fim de enfrentar e romper com os estereótipos infantis, acomodados na farsa ideológica do processo colonizatório, enaltecido da branquitude, com suas referências opressoras e heteronormatizadas nas figuras e situações de príncipes, reis e super-heróis, brancos, homens, ricos e poderosos.

---

<sup>6</sup>Amelinha Teles é uma das mais relevantes feministas do país e da América Latina. Foi uma das fundadoras, em 1981, da União de Mulheres de São Paulo – uma das mais longevas organizações pró-direitos das mulheres. Formada em Direito, Amelinha é uma das coordenadoras do Curso de Promotoras Legais Populares no estado de São Paulo.

Os textos ora publicados tratam da educação infantil – a educação de crianças de 0 a 3 anos e de 3 a 6 anos - numa perspectiva histórica e social, capaz de estimular, construir e lidar com práticas libertárias, igualitárias e plurais. Procuram demonstrar a necessidade imperiosa de oferecer oportunidades e condições para liberar e vivenciar o potencial infantil, ainda sufocado por opressões, discriminações e, por ideias que consideram as crianças como seres “neutros” incapazes de perceber situações de segregação e exclusão. Pensar nestes termos, sob um olhar inquieto e crítico, propicia condições para uma educação democrática, com diálogos e vivências inovadoras, criativas, lúdicas, capazes de compor relações sociais, afetivas, respeitadas as diferenças e de não aceitação das desigualdades étnico-raciais e de gênero assim como de classe social. É falso considerar, por exemplo, que as crianças pequenas negras não têm sua auto-estima rebaixada quando são ignoradas por terem os cabelos crespos ou terem o nariz mais largo. Outras ao serem preteridas e rejeitadas por terem um defeito no corpo, ou numa parte dele, como num braço ou numa perna, ou porque têm uma fala mais lenta, sentem-se humilhadas e estigmatizadas. Inclusive um tema espinhoso como violência de gênero deve ser enfrentado na educação infantil. Deve-se dar voz às crianças violentadas direta ou indiretamente e não deixar que o silêncio sobre o assunto as sufoquem totalmente. Os estudos apresentados conclamam profissionais para enfrentarem toda situação que discrimina, que oprime as crianças pequenas pois elas têm desdobramentos na formação social e intelectual da sociedade. O Dossiê assume o compromisso de abrir possibilidades e caminhos para uma educação infantil sem discriminação, exclusão, opressão. São resultados de pesquisas e experiências que mostram a necessidade e a possibilidade de enfrentar relações racistas, sexistas, homofóbicas, transfóbicas e lesbofóbicas mesmo com crianças pequenas, no convívio diário, nas brincadeiras (que é coisa muito séria) e nas atividades rotineiras como no banho, no uso dos sanitários, na hora da alimentação, do repouso, entre outras. O Dossiê toma partido em defesa das crianças pequenas como sujeitos de direitos, com o potencial protagonista de fazerem história e abrirem possibilidades para uma vida individual e coletiva, de respeito e humanizada.

As crianças não são seres neutros, como já dissemos, não são assexuados, sem vontade e sem desejos. O Dossiê nos convida a pensar e agir com crianças que têm direitos de serem reconhecidas como protagonistas das suas infâncias ainda que nós estejamos vivendo numa sociedade bastante adultocêntrica e opressora. Ver de maneira crítica a educação ainda pautada no processo colonizador, eurocêntrico e buscar não reproduzir na educação infantil uma postura colonizada e acomodada. Reconhecer, lidar e falar sobre as diferenças sexuais, étnico-raciais entre as crianças são facilitadores fundamentais do desenvolvimento da sociabilidade infantil e por isso, compõem uma prática pedagógica qualificada. Traçar caminhos para conquistar uma perspectiva descolonizadora, despatriarcalizadora, anti-racista e anti-sexista são propostas dos trabalhos ora publicados no Dossiê, o que nos anima a ver a creche como um espaço de transformações para crianças e pessoas adultas que ali convivem no dia a dia. A creche, um espaço em construção, pode dar passos importantes para questionar estruturas sociais, racistas, misóginas e elitistas presentes e ativas no cotidiano das crianças pequenas e das pessoas adultas.



O que mais me emociona é o fato de ver a creche ser tema de estudos e pesquisas no meio acadêmico, estimulando a produção de conhecimentos e práticas para uma educação democrática, igualitária, sem racismo, sem sexismo e sem preconceitos. Isso não é pouca coisa. A reivindicação da creche, como um espaço voltado para a educação, cuidados e assistência de crianças pequenas, apareceu timidamente nos anos de 1970, com as primeiras reuniões, quase clandestinas, de mulheres, mães, donas de casa, trabalhadoras de fábrica, trabalhadoras domésticas, diaristas, feministas, nas periferias e depois nos sindicatos.

Na periferia, algumas dessas mulheres participaram da construção física da creche, de fazer a massa e colocar tijolos para fazê-la em seus bairros. Nos domingos recebiam o apoio dos homens que estavam de folga e, então, também trabalhavam como pedreiros. Feijoadas, rifas, festas juninas com quermesses eram um meio de levantar fundos para funcionar a creche. Com uma creche, ainda que bastante precária em funcionamento, as periferias procuravam dar visibilidade à falta de equipamentos educacionais para as crianças pequenas. Eram raros os profissionais embasados de teoria e prática sobre creche. Nós, do Movimento de Luta por Creche, contamos com algum respaldo teórico para fortalecer nossas propostas com as pesquisadoras e estudiosas sobre o assunto da Fundação Carlos Chagas (SP), em particular a Fúlvia Rosemberg e a Maria Malta, que estavam sempre junto ao Movimento. As primeiras creches eram simplesmente um lugar para guardar e cuidar das crianças cujas mães trabalham fora de casa. Não havia profissionais especializadas para atender a essas crianças. Fomos nós do Movimento que também trouxemos subsídios para inventar o que deveria ser uma educadora ou um educador de creche. A pessoa profissional de creche é, sem dúvida, uma pessoa educadora em construção.

O material ora apresentado, mostra o quanto as Universidades têm contribuído para consolidação e aprofundamento do que pode e deve ser as pessoas profissionais da educação infantil. E quando ainda podem contribuir para que a creche seja um espaço de ruptura de estereótipos machistas, sexistas, racistas, elitistas. O quanto ainda temos que fazer por uma creche democrática, laica e de qualidade, que seja acessível a todas as crianças que precisam dela.

Oxalá, as Universidades, em particular, as Faculdades de Educação, possam manter e aprofundar os estudos e práticas da educação infantil e que sejam produzidos muitos outros Dossiês como este.

Viva a luta pela creche pública, gratuita e que nela haja realmente uma educação infantil onde brincar seja o mais fundamental!

### **Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas**

Organizadoras: Daniela Finco, Adriana Alves Silva, Ana Lúcia Goulart de Faria